Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Baltazar, Isabel

Os europeus na construção europeia : esboço de uma cidadania europeia

http://hdl.handle.net/11067/1125

Metadados

Data de Publicação 2014-09-15

Resumo Este estudo tem como objectivo mostrar a necessidade de uma cidadania europeia, para que os direitos de cidadania introduzidos no Tratado de Maastricht sejam efectivamente usufruídos e vividos pelos cidadãos da Europa. Também urge tornar conhecida a Carta dos Direitos Fundamentais dos Cidadãos, mostrando que os europeus têm um papel fundamental na construção europeia, como os grandes visionários, aqui (re) lembrados se esforçaram por mostrar. Esta realidade transformaria a cidadania formal numa ...

Palavras Chave Cidadania - Países da União Europeia

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 09-10 (2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T16:44:37Z com informação proveniente do Repositório

OS EUROPEUS NA CONSTRUÇÃO EUROPEIA
ESBOÇO DE UMA CIDADANIA EUROPEIA

Isabel Baltazar
Investigadora de Pós-Doutoramento (FCT)
CEIS 20/UC e FCSH/UNL
ibaltazar@fcsh.unl.pt

12-Isabel Baltazar.indd 253 05-06-2014 12:04:46

12-Isabel Baltazar.indd 254 05-06-2014 12:04:46

Resumo

Este estudo tem como objectivo mostrar a necessidade de uma cidadania europeia, para que os direitos de cidadania introduzidos no *Tratado de Maastricht* sejam efectivamente usufruídos e vividos pelos cidadãos da Europa. Também urge tornar conhecida a Carta dos Direitos Fundamentais dos Cidadãos, mostrando que os europeus têm um papel fundamental na construção europeia, como os grandes visionários, aqui (re) lembrados se esforçaram por mostrar. Esta realidade transformaria a cidadania formal numa cidadania activa, e os cidadãos da Europa em verdadeiros cidadãos europeus. Foi este o sentido de comemorar um ano europeu dos cidadãos (2013): mostrar que ainda não existe uma verdadeira participação dos europeus na construção europeia actual e no futuro da Europa. Para esta utopia se tornar realidade, o grande desafio está na educação. Educar para uma Cidadania Europeia.

Abstract

This study aims to show the need for a European citizenship, that citizenship rights introduced in the Maastricht Treaty are actually enjoyed and experienced by the citizens of Europe. Urges also make known to the Charter of Fundamental Rights of Citizens, showing that Europeans have a key role in European integration, as the greatest visionaries here (re) reminded endeavored to show. This reality become formal citizenship in active citizenship, and citizens of Europe in true European citizens. It was this sense of celebrating a European Year of Citizens (2013) show that there is still no real participation of Europeans in European integration and actual future Europe. For this utopia come true, the challenge lies in education. Educating for European Citizenship.

Palavras-Chave: Europa- Europeus- Civilização Europeia- Cultura Europeia- Cidadania Europeia

Key – Words: Europe-European-Civilization European Culture European-EU-Citizenship

12-Isabel Baltazar.indd 255 05-06-2014 12:04:46

12-Isabel Baltazar.indd 256 05-06-2014 12:04:46

> Durante muito tempo fui *anti-europeu.(…)*
> No entanto, renegando-a, eu prestava
> inconscientemente homenagem à Europa.
> Adolescente, tinha adquirido, como muitos
> sem o saber, uma educação europeia.
> Foi o seu rasto que me levou a preferir
> a humanidade às pátrias e era ele quem
> me convidava a contestar os nacionalismos
> e a apreciar o cosmopolita, era o humanis-
> mo europeu que me conduzia além da
> província europeia em nome do universal.
>
> Edgar Morin, *Pensar a Europa*

Embora a dimensão da cidadania europeia esteja inscrita, há mais de vinte anos, no Tratado de Maastricht (1992)[1], onde pode ler-se: " É instituída a Cidadania da União" e, a seguir, "É cidadão da União qualquer pessoa que tenha a nacionalidade de um Estado-membro"[2], na realidade trata-se de um mecanismo formal de afirmação de um direito não assumido e, por isso, não vivido pelos cidadãos dos 28 estados membros. Não é, por isso, de estranhar que o ano de 2013 tenha sido o Ano Europeu dos Cidadãos, para mostrar, pelo menos, a existência implícita de uma Cidadania na União Europeia. No entanto, o balanço foi insatisfatório, como mostram os resultados das sondagens aos cidadãos da Europa sobre esta temática, que revelam bem a ignorância sobre o tema, ou, se o conhecem, manifestam-se tendencialmente pela negativa, como veremos a seguir.

Uma Europa dos Cidadãos?

A propósito da celebração do Ano dos Cidadãos, Portugal acolheu a vice-presidente da Comissão Europeia, Viviane Reading, no dia 22 de Fevereiro, na Sala dos Capelos, em Coimbra, para um debate com os cidadãos. Se no próprio local foram evidentes as expressões de sentimentos antieuropeístas ou, pelo menos, de posições marcadamente cépticas sobre a existência de uma verdadeira cidadania activa, a imprensa marcaria, sem dúvida, um tom crítico e assumidamente negativo. Luís Reis Torgal afirmaria:

[1] Em 1992, o Tratado de Maastricht estabeleceu a cidadania da União. Está incluída na Parte II (artigos 17.º a 22.º) do Tratado que institui a Comunidade Europeia.
[2] Tratado de Maastricht, Parte II, artº8º.

12-Isabel Baltazar.indd 257 05-06-2014 12:04:46

"Tratou-se, todavia, de um debate? Claro que não. Estes actos, assim realizados, acabam por justificar os políticos que representam uma determinada linha de acção e nada discutem, nem sequer ouvem, porque um verdadeiro debate é outra coisa – é um tempo da razão e de consciência crítica e não um *espectáculo do poder*. E que tem feito esta Europa pela universidade? Inventou-se o Erasmus, que saudavelmente pretendia promover a internacionalização dos alunos…criou-se o processo de Bolonha, que partiu de uma *declaração* com boas intenções, mas que se prolongou com outros objectivos, alargando o tempo de vida do estudante na universidade, sem acentuar a exigência da sua formação. Aumentou o número de graduados, sobretudo mestres e doutores, muitos que continuam, no entanto, à espera de um trabalho com o mínimo de estabilidade. Multiplicam-se comissões de avaliação, de reconhecimento da qualificação das instituições, sem que elas na verdade tivessem melhorado. Surgem os rankings e fala-se de inputs e de outputs. Ouvem-se constantemente palavrões e palavras como *empreendorismo*, "alavancagem, excelência, porque esta vai faltando, diluídas na massificação (…).

Provavelmente, muitos professores e estudantes nen estiveram presentes no tal "debate" porque não podiam faltar às aulas, que agora constituem menos espaços do saber mas unidades burocráticas, tal como não podem participar em conferências e colóquios, que os levariam a pensar. E torna-se cada vez mais perigoso pensar.(…) Naturalmente, também eles…esperam por uma fénix renascida das cinzas. Não quero ouvir o discurso desta *Europa*, que já não é a Europa dos Cidadãos, nem mesmo a Europa dos Estados, e muito menos a Europa da Cultura"[3].

Apesar das tentativas forçadas de incluir na construção europeia uma cidadania europeia, formalmente prevista como sabemos, mas forçada, tão forçada como a paz saída de Versalhes, e que viria a revelar-se numa "paz podre". Esta Cidadania inscrita nos tratados e objecto dos mais eloquentes discursos dos políticos, não é vivida como uma cidadania activa, objectivo essencial para lhe dar a necessária visibilidade. Por isso, à questão "Tu és um cidadão português, um cidadão europeu ou os dois?", até os mais jovens respondem: "Eu sinto-me mais português, também sou dinamarquês, não é? Mas sinto-me português e dinamarquês, não me sinto…assim europeu…Quer dizer, claro que me sinto mais europeu do que africano! Mas não me sinto propriamente um cidadão europeu"[4].

Europa e Europeus

É de salientar que, embora, as elites intelectuais desde os pais fundadores da Europa, sempre tenham incluído os europeus na Construção Europeia, as políticas foram em sentido bem diferente, construindo uma Europa a partir de

[3] Luís Reis Torgal, "A visita de Viviane", in *Jornal Público*, 4 de Março de 2013, p.46.
[4] Excertos de entrevistas realizadas a alunos do 9ºAno, no âmbito do trabalho de Vitória Cardona, *Educar para a Cidadania Europeia, Realidade, Desafio ou Utopia?* ,Lisboa, Princípia Editora, 2007, p.9.

12-Isabel Baltazar.indd 258 05-06-2014 12:04:47

alicerces económicos e fachada jurídica, sendo, agora, difícil inverter a situação, incluindo políticas sociais e instituindo um capítulo específico sobre a cidadania da união. No entanto, as palavras sobre uma Europa para os europeus dos visionários da Europa, não ficariam esquecidas pela História que lhes virá dar razão. Um desses homens seria a figura marcante de Jean Monnet, que nas suas *Memórias*[5], para além da sua autobiografia, faz uma reflexão aprofundada sobre a ideia de uma verdadeira união europeia que não pode emergir sem uma união dos povos europeus. As suas palavras são o reflexo da consciência da distância entre o ideal europeu e a realidade europeia em projecto. No seu tempo como no tempo em que vivemos:

"Quando consideramos este período, que correspondia à metade do século, chama-nos a atenção a extraordinária efervescência intelectual que havia em torno do ideal europeu. Se relermos os manifestos dos partidos e dos movimentos militantes, as declarações dos dirigentes políticos e os artigos na imprensa – o *Economist* e o *Times* de Londres publicavam editoriais admiráveis dignos do *Federalist* de Jay, Hamilton e Madison -, temos o sentimento de que uma corrente de pensamento tão rica como essa só poderia levar à realização da mais ampla unidade europeia. E é verdade que o vocabulário e a dialéctica comunitária de hoje já estavam fixados na época, mas isso não tinha nada a ver com a acção. Em 1946, em Zurique, Churchill apelava no sentido da criação urgente dos Estados Unidos da Europa – mas tinha em mente o Conselho da Europa. Em 1929, em Genebra, Briand preconizava uma ligação federal entre os **povos da Europa**- mas tinha especificado que os direitos soberanos dos Estados não seriam com isso afectados. Não obstante, a opinião estava convencida de que as fórmulas mágicas tinham sido pronunciadas e não compreendia que a realidade resistisse de forma tão obstinada"[6].

Este fundador da Europa tinha consciência de que a realidade não correspondia ao ideal europeu, e de que os povos não participavam do projecto europeu que, cada vez mais, ia mostrando que os interesses dos estados se sobrepunham aos interesses dos cidadãos. E a união europeia pensada pelos fundadores era, cada vez mais, uma comunidade de interesses económicos e de uma rivalidade, mesmo que camuflada, entre os estados dessa pretensa união: "Em contrapartida, preocupávamo-nos com a situação real, que longe dos aproximar da união europeia, progressivamente afastava as oportunidades desta. A França opunha-se aos seus aliados relativamente à política alemã e a sua diplomacia mergulhava no passado"[7]. Jean Monnet confessava que o próprio Robert Schuman estava desiludido com o desenrolar dos acontecimentos:

"Para um homem sensível que tinha estabelecido como objectivo supremo da sua vida política a reconciliação entre os dois povos, foi o início de um período de grande perplexidade. *Que fazer?* perguntava aos que o rodeavam. Os meus sentimentos, ele conhecia-os: *A paz só pode assentar na igualdade- dizia-*

[5] Jean Monnet, *Memórias*, Lisboa, Ulisseia, 2004.

[6] *Idem, ibidem,* p.287.

[7] *Idem, Ibidem*, pp. 287-288.

12-Isabel Baltazar.indd 259 05-06-2014 12:04:47

lhe eu. Falhámos a paz em 1919 porque lhe introduzimos discriminação e espírito de superioridade. Estamos a recomeçar os mesmos erros"[8].

Palavras sobre o curso da História e a sua repetição, e que as lições da História não são, por vezes, bem aprendidas. A paz só era verdadeira se fosse uma paz entre os povos da Europa, e não resultava de acordos de interesses entre os estados. Era algo anímico e muito mais profundo. Então, como hoje, era preciso construir os baluartes da paz através de sentimentos de união de valores entre os povos da Europa, conduzidos pela voz dos seus estados: "Nada é possível sem os homens, nada é duradouro sem as instituições"[9] Jean Monnet era um visionário desta Europa Unida dos Povos, mas tinha bem consciência das dificuldades de todo o lento processo de construção europeia, pelo seu pioneirismo:

"Queremos estabelecer as relações da França e da Alemanha numa base inteiramente nova…e virar aquilo que os dividia, nomeadamente as indústrias de guerra, para um benefício comum que será também o benefício da Europa. A Europa reencontrará então o papel eminente que desempenhava no mundo e que as suas divisões lhe fizeram perder. A sua unidade não prejudicará a sua diversidade, bem pelo contrário. Essa diversidade, que é a sua riqueza, será benéfica para a civilização e influenciará a evolução de potências como a própria América"[10].

Esta unidade na diversidade apontava o caminho para o respeito pela identidade dos seus cidadãos, com a possibilidade de conjugação com uma identidade comum europeia perante outros povos e estados fora da Europa. O ideal europeu de Jean Monnet e Robert Schuman parecia bom, mas difícil de realizar. Muitos desafios se colocavam dentro e fora da própria Europa, e os efeitos das guerras sucessivas e de uma paz trémula passavam para os cidadãos da Europa, que viviam tempos de intranquilidade e a quem a ideia de Europa parecia uma quimera e a possibilidade até de novos conflitos emergentes. Também o chanceler Adenauer tinha esta consciência:

"No decurso das nossas conversas, achei-o preocupado, tal como eu, com os efeitos psicológicos da nova guerra fria, que cindia a opinião pública europeia, objecto de disputa passivo das lutas pela influência de americanos e soviéticos. (…) Pela minha parte, aconselhava antes que não se detivesse nessas polémicas e a que fugisse ao cerco através da afirmação da nossa vontade de avançar pelo nosso próprio caminho…a construção da Europa"[11].

É bem interessante constatar que, então como agora, estava em causa a perigosa ideia de uma americanização da Europa e dos Europeus, e que era urgente criar uma unidade europeia e preservar a identidade dos cidadãos europeus. Diz Monnet:

"Muitas vezes na minha vida, tive oportunidade de manter este discurso que se resume na seguinte frase*: Tratemos de ser bem sucedidos naquilo que estamos*

[8] *Idem, Ibidem*, p.289.
[9] *Idem, Ibidem*, p.309.
[10] *Idem, Ibidem*, p.313.
[11] *Idem, Ibidem*, p.359.

12-Isabel Baltazar.indd 260 05-06-2014 12:04:47

a fazer, e não nos deixemos determinar pela opinião que outros têm de nós nem por aquilo que queriam que fizéssemos. Não acho que seja a via do egoísmo, pelo contrário. O melhor contributo que se pode dar à civilização é o de dar realização aos homens no seio de comunidades construídas em liberdade. Mas, para lá chegar, temos de nos concentrar unicamente nesse objectivo e de não esperar nada dos outros, a não ser que venham ter connosco quando verificarem que a nossa vontade é inquebrantável"[12].

Este visionário tem consciência de que a cidadania faz parte integrante da construção europeia, mas que o processo é lento, muito lento, e que os resultados mais imediatos são alcançados na dimensão económica. Essa seria a primeira etapa de outras que se seguiriam prosseguindo um processo de sucessivos pequenos passos, transpostas muitas dificuldades, para que o aprofundamento da união fosse uma realidade e a paz cada vez mais uma garantia. Jean Monnet sabe que uma Europa sem os europeus não tem sentido, mas que "há um método para construir a Europa – não há dois diferentes em cada momento. Não saímos do tempo da Comunidade Europeia, do tempo da delegação da soberania em instituições comuns, único meio de assegurar a independência e o progresso dos nossos povos, e a paz nesta parte do mundo. Era isto que eu queria dizer num livro para o qual precisava de todo o meu tempo e todas as minhas forças"[13].

A *Rebelião* dos Europeus

Ortega y Gassett tem uma explicação muito profunda sobre as razões da dificuldade de encontrar a concretização do ideal de cidadania europeia, tão frágil quanto a própria realidade europeia. Diz ele:

"Compreende-se que nem toda a gente perceba com evidência a realidade da Europa, porque a Europa não é uma *coisa*, mas um equilíbrio…Segredo grande e paradoxal, sem dúvida! Porque o equilíbrio ou balança de poderes é uma realidade que consiste essencialmente na existência da pluralidade. Se esta pluralidade se perdesse, aquela unidade dinâmica esvanecer-se-ia. Europa é com efeito, um enxame: muitas abelhas e um só voo"[14].

É neste contexto de rebelião que se compreende o problema da Europa e dos europeus. O "enxame" de abelhas só voa numa única direcção em momentos cruciais da história em que essa união é uma questão de sobrevivência. Nos restantes, "as abelhas" voam em direcções diversas, tantas, quantas as vontades dos europeus de cada estado que, nesses momentos não se sentem unidos por um interesse comum. É este o problema da Europa e o dos europeus, como pensa e afirma com grande verdade e profundidade Ortega y Gasset:

"Este enxame de povos ocidentais que se lançou a voar sobre a história desde as ruínas do mundo antigo caracterizou-se sempre por uma forma dual de vida. Pois aconteceu que, conforme cada um ia formando o seu génio particular, se ia

[12] *Idem, Ibidem.*
[13] *Idem, Ibidem*, p.524.
[14] Ortega y Gasset, *A Rebelião das Massas*, Lisboa, Relógio D'Água, sd, p.15.

12-Isabel Baltazar.indd 261 05-06-2014 12:04:47

criando entre eles um repertório comum de ideias, maneiras e entusiasmos. Mais ainda. Este destino, que ao mesmo tempo os fazia progressivamente homogéneos e progressivamente diversos, há-de entender-se como paradoxo de alguma forma superlativo. Porque neles a homogeneidade não foi alheia à diversidade. Pelo contrário: cada novo princípio uniforme fertilizava a diversificação"[15].

É na História da Europa que encontramos as raízes para a unidade e diversidade do velho continente. É na sua profundidade que encontramos as raízes para a dificuldade original de constituição de uma cidadania europeia. Os povos ocidentais sempre tiveram uma forma peculiar de vida, caracterizada pelos diferentes povos que se cruzaram na sua história. Senão vejamos:

"A ideia cristã engendra as igrejas nacionais; a recordação do *Imperium* Romano inspira as diversas formas de estado; a *restauração das letras*, no século XV, desencadeia as literaturas divergentes; a ciência e o princípio unitário do homem como *razão pura* cria os distintos estilos intelectuais que modelam diferencialmente até às extremas abstracções da obra matemática. Enfim e para cúmulo: até a ideia extravagante do século XVIII, segundo a qual todos os povos hão-de ter uma constituição idêntica, produz o efeito de despertar romanticamente a consciência diferencial das nacionalidades, o que vem a ser como incitar cada qual para a sua vocação particular"[16].

Se reflectirmos sobre todos estes momentos de construção da História da Europa, deparamo-nos, paradoxalmente, com raízes comuns de uma identidade europeia, e, portanto, de um povo europeu, e, simultaneamente, com identidades próprias de cada um dos seus estados. E para maior perplexidade, com uma vontade comum dos europeus de adoptarem princípios comuns e, na prática, de se confrontarem com nacionalismos, quase sempre, exacerbados. No entanto, os cidadãos da europa diferenciam-se dos cidadãos americanos ou de outras partes do globo. Se pensarmos, por exemplo, nos ideais saídos da Revolução Francesa- Liberdade, Igualdade e Fraternidade- vemos como eles modelaram toda a história ocidental da Europa do século XVIII, e, afinal, como continuam a conduzir a História Contemporânea.

Os povos europeus moveram-se num espaço comum, vivendo e convivendo uns com os outros desde o século XI, e esta convivência revelou-se umas vezes pacífica, outras conflituosas. Ontem como hoje, as guerras intereuropeias mostram a tendência natural dos povos para arranjarem conflitos provenientes de poderes territoriais ou de confronto de culturas. No entanto, face ao resto do mundo, a Europa une-se pela paz e pela afinidade de espaços históricos comuns em que os seus povos se sentem unidos por uma cultura europeia comum, e por espaço físico também comum e diferenciado dos outros continentes. A História e a Geografia da Europa revelam uma convivência, um espaço social inserido num espaço geográfico, onde encontramos características comuns aos cidadãos europeus. Esta convivência gera uma sociedade marcada por traços identitários próprios: costumes, usos, língua, direito, poder político. Os povos europeus são

[15] *Idem, Ibidem*, p.11.
[16] *Idem, Ibidem*.

12-Isabel Baltazar.indd 262 05-06-2014 12:04:47

há muito tempo uma sociedade, com características próprias e específicas, e, por outro lado, cada uma das nações que a integra, revela características próprias e que lhe dão uma identidade nacional que se confronta com a pretensa identidade europeia. É aqui que se pode entender o confronto actual entre cidadãos nacionais e cidadãos europeus, e a dificuldade política de instituir, na prática uma cidadania europeia activa. É aqui os antieuropeístas ou eurocépticos encontram as razões das suas apologias:

"Não nego que os Estados unidos da Europa sejam uma das fantasias mais módicas que existem e não me faço solidário do que outros pensaram sob estes signos verbais. Mas, por outro lado, é sumamente improvável que uma sociedade, uma colectividade tão madura como a que já formam os povos europeus, não ande perto de criar o artefacto estatal através do qual formalize o exercício do poder público europeu já existente. Não é, pois, debilidade ante as solicitações da fantasia nem inclinação por um *idealismo* que detesto, e contra o qual combati toda a minha vida, o que me leva a pensar assim. Foi o realismo histórico que me ensinou a ver a unidade da Europa como sociedade não é um *ideal*, mas um facto de quotidianidade muito antiga. Ora bem, uma vez que já se viu isto, impõe-se necessariamente a probabilidade de um Estado geral europeu".

Assumindo a possibilidade de um estado supranacional, emerge, também, uma cidadania europeia, decorrente dos seus cidadãos unidos por raízes históricas comuns supranacionais. Estes cidadãos europeus não são uma utopia, mas, antes, uma consequência do voo da história rumo à constituição desse "enxame". Essas abelhas nasceram das ruínas do mundo antigo que levaram à constituição de estados unidos pela sua história. A realidade europeia torna a França, a Alemanha, a Itália ou Espanha, como Estados Unidos Europeus, fundamentados na sua história.

Civilização Europeia

A civilização europeia embora com uma identidade própria, sempre originou a *Rebelião das Massas*, ou seja, una e diversa, em virtude da ausência de um sistema de normas regulador da vida em sociedade. Este fenómeno levou à origem de povos-massas que se rebelam uns contra os outros, perante uma Europa demissionária da sua História e dos seus valores europeus: "Não é esta a situação presente do mundo? Anda por aí um runrum de que já não regem os mandamentos europeus e, por via disso, as pessoas – homens e povos – aproveitam a ocasião para viver sem imperativos. Porque só havia os europeus"[17]. A actualidade da situação da Europa é uma coisa estranha. Os mandamentos da Europa perderam a sua vigência e eficácia e a Europa está à deriva. A Europa deixa de mandar, deixa de conduzir e surge a trindade- França, Inglaterra e Alemanha- que assumem o destino europeu. As nações e os cidadãos europeus ficam sem rumo e sentimentalmente desmoralizados, porque já não há Europa, mas Europas dentro da Europa. E nesta situação ninguém é capaz de substituir a

[17] *Idem, Ibidem*, p.135.

12-Isabel Baltazar.indd 263 05-06-2014 12:04:47

hegemonia da velha Europa, decadente e sem futuro previsível. Diz Gasset que " não importaria que a Europa deixasse de mandar se houvesse alguém capaz de substituí-la. Mas não há nem sombra disso. Nova Iorque e Moscovo não são nada de novo em relação à Europa. Uma e outra são duas parcelas do mandamento europeu que perderam o seu sentido ao dissociarem-se do resto. (…) Ambas, com efeito, pertencem plenamente ao que algumas vezes chamei fenómenos de *camouflage* histórica. A *camouflage* é, por essência, uma realidade que não é a que parece"[18].

De tudo o que foi dito, pode concluir-se que não há alternativa à civilização europeia em termos de identidade e história, porque os novos povos não têm ideias e (sobre) vivem da própria civilização europeia que lhes serve de paradigma. Até a própria América, nasce da colonização do velho continente, mas face à Europa, ainda está a construir a sua história. E se a Europa não existisse? Seria o caos. Seria o mundo sem referências, sem comando, à deriva: "É tão certo como se diz que a Europa está em decadência e se demite do mando, abdica? Não será esta aparente decadência a crise benfeitora que permitirá que a Europa seja literalmente Europa? Não seria necessário a *priori* a evidente decadência das nações europeias, se algum dia fosse possíveis os Estados Unidos da Europa, a pluralidade europeia substituída pela sua unidade formal?"[19].

Também o Homem Europeu aparece nesta unidade essencial e pluralidade acidental, em cada momento da História. Também na actualidade. Eis aqui a chave para compreender a ideia de cidadania europeia instituída a partir de Maastricht e um ano europeu dos cidadãos (2013) a recordar esta unidade não vivida. As nações europeias, como os cidadãos da Europa, como toda a humanidade, têm dificuldade em viver em unidade permanente. É natural a emergência de conflitos e a pluralidade de opiniões, que tornam o homem europeu, num homem-massa, e, consequentemente, na sua desintegração. É esta a lição da História. E as nações, feitas de homens europeus, pelejam rapidamente entre si, formam ligas opostas, desfazem a sua unidade, para a seguir se voltarem a recompor. É a luta permanente entre guerra e paz, entre cidadãos europeus e cidadãos nacionais: franceses, ingleses, espanhóis, italianos, alemães…ou portugueses, e o desejo de regressar à paz, à unidade essencial que, depois das querelas, deseja a homogeneidade de almas, porque todas elas são diferentes, mas possuem uma mesma arquitectura psicológica, uma identidade europeia, bem reconhecida para quem olha para os europeus a partir de fora: ciência, direito, arte, valores. E os cidadãos europeus, como toda a humanidade, só podem (sobre) viver de coisas espirituais. Tudo o resto passa. É por isso que esta homogeneidade natural e essencial mostra a possibilidade real de existir o cidadão europeu e, consequentemente, de acreditarmos no aprofundamento da cidadania europeia. Nenhuma nação da Europa consegue viver muito tempo isolada, como nenhum europeu vive sozinho, num individualismo que o empobrece: o seu conteúdo mental não aparece ao Francês de França, ao Espanhol de Espanha, nem ao

[18] *Idem, Ibidem*, p.136.
[19] *Idem, Ibidem*, pp.138-139.

12-Isabel Baltazar.indd 264 05-06-2014 12:04:47

português de Portugal. Todos eles fazem parte de um fundo comum europeu, assumido ou não, e cada um deles tem muito mais de Europeu do que cada uma das suas identidades nacionais. Ortega y Gasset fundamenta esta nossa tese:

"Se se fizesse a experiência imaginária de nos limitarmos a viver puramente com o que somos como *nacionais* e, em jeito de mera fantasia, se se extirpasse ao homem médio francês tudo o que usa, pensa, sente, por recepção dos outros países continentais, sentiria terror. Veria que não lhe é possível viver só disso; que as quatro partes do seu haver íntimo são bens jacentes europeus. Não se vislumbra que outra coisa de monta podemos fazer os que existimos neste lado do planeta a não ser realizar a promessa do vocábulo *Europa* significa desde há quatro séculos. Só se opõe a isto o preconceito das velhas nações, a ideia de nação como passado. Agora vai-se ver se os Europeus também são filhos de Loth e se obstinam em fazer história com a cabeça virada para trás. A alusão a Roma e, em geral, ao homem antigo, serviu-nos de admoestação; é muito difícil que um certo tipo de homem abandone a ideia de estado que uma vez se lhe meteu na cabeça"[20].

Em conclusão, a ideia de estado-nação confronta-se com a ideia de nação-Europa, impedindo ou dificultando o aprofundamento do processo de construção europeia e a visibilidade do homem europeu na sua plenitude histórica essencial. O mundo sofre hoje de uma crise económica, moral e espiritual que se manifesta, entre outros sintomas, pela eclosão de um antieuropeísmo, acusando a Europa da causa de todos os males. O homem europeu vive à deriva e, sem uma orientação nascida de fundamentos greco-romanos e do cristianismo, que foram o seu berço, vive uma rebelião das massas. A Europa deixou de mandar no mundo e o homem europeu de conduzir o seu barco. A tempestade eclodiu na Europa e no mundo inteiro que, apesar de tudo, vivia das referências essenciais do mundo europeu. Assim, o mundo inteiro está em crise, mas, mais do que uma crise económica, sempre cíclica como a história nos ensinou, vive uma grave crise mental, com a desagregação do homem europeu que lhe servia de paradigma. A Europa deixou de estar segura de mandar e o mundo de ser mandado. E Não teve substituto, a não ser, talvez, uma americanização da Europa, ideia tão artificial, tão frágil e tão *light*, como a própria Europa decadente. O mundo continua à espera de uma bússola que conduza a um porto seguro, e, muito particularmente, os europeus vivem numa rebelião de massas que causa a sua própria destruição. É urgente assumir, de novo, a vida do espírito sobre a vida material, os valores sobre as coisas efémeras e tão passageiras que não dão felicidade nem aos europeus nem aos homens deste planeta: "Todo o mundo se apercebe da urgência de um novo princípio de vida. Mas – como sempre acontece em crises idênticas – alguns ensaiam salvar o momento com uma intensificação extremada e artificial, precisamente, do princípio caduco. É este o sentido da erupção nacionalista dos anos que correm"[21]. Todos estes nacionalismos são becos sem saída. São caminhos que não levam a parte nenhuma. É preciso regressar à Europa, e decidir construir

[20] *Idem, Ibidem*, p.171.
[21] *Idem, Ibidem*, p.173.

12-Isabel Baltazar.indd 265 05-06-2014 12:04:47

uma grande nação com os povos europeus que são o seu coração e cuja pulsação bate incerta. A Europa do cidadão europeu equilibrado e feliz é a solução para uma Europa que vive de planos de solução de crises- económica e moral- de governos e de homens-massa, a primeira é resolvida pela economia, a segunda, muito mais grave e profunda, é resolvida pelo regresso aos valores espirituais do ocidente. Os cidadãos europeus precisam de se esvaziar do homem-massa, de uma massificação que conduziu ao pior dos individualismos. Um homem esvaziado da sua própria história. Um homem sem futuro.

Por uma cidadania europeia

Denis de Rougemont foi um dos intelectuais mais determinantes na reflexão sobre a Europa, no período entre-guerras e depois de 1945, ao lado de outros pensadores como Gabriel Marcel ou Emmanuel Mounier que, também, merecem um estudo sobre a sua visão da Europa. É de salientar que a filosofia personalista não poderia pensar a Europa a partir, apenas, do pragmatismo político. O futuro dos europeus seria a sua grande preocupação, e ocuparia grande parte da sua vida. Para além da filosófica preocupação com a pessoa humana, na base destes personalismos estava, também, a crença na possibilidade de mobilizar os europeus na construção de uma Europa comum. Para isso, tornava-se necessário exortar os europeus a participarem na construção europeia, mobilizados na defesa do bem geral. É nesse contexto que se enquadra, Denis de Rougemont escrever uma carta dirigida a todos os europeus:

"Albanesas, Albaneses!
Alemãs Federais e de Leste, Alemães Federais e de Leste!
Austríacas, Austríacos!
Bálticas e Bálticos da Estónia, da Letónia e da Lituânia!
Belgas, Belgas!
Bougresses, Bougres
Checoslovacos (bis)!
Cipriotas, Cipriotas!
Dinamarquesas, Dinamarqueses!
Espanholas, Espanhóis!
Finlandesas, Finlandeses!
Francesas, Franceses!
Helenas e Gregos!
Holandesas e Holandeses!
Húngaras e Magiares!
Inglesas e Ingleses!
Irlandesas, Irlandeses!
Italianas, Italianos!
Jugoslavas, Jugoslavos!
Luxedmburguesas e seus Burgueses!
Maltesas, Malteses!

12-Isabel Baltazar.indd 266 05-06-2014 12:04:47

Norueguesas, Noruegueses!
Otomanas e Turcos!
Polacas, Polacos!
Portuguesas, Portugueses!
Romenas, Romenos!
Suecas, Suecos!
Suíças e Suiços dos vinte e dois Cantões"[22].

Uma carta bem personalizada e que procura dirigir-se particularmente a cada um daqueles europeus, pelo menos no princípio da epístola, já que depois, passarão a ser, apenas, chamados no seu conjunto, como o próprio admite:

"Na realidade, nunca poderemos fazer qualquer coisa juntos se de cada vez tivermos de começar por nos enumerarmos nos dois géneros e segundo a ordem alfabética - o que exige mais de vinte e quatro palavras de saudação - antes que se diga algo, e apenas dá uma pálida ideia dos incómodos, obstáculos, perdas de tempo e de energias advenientes da existência dos nossos Estados - Nações, desde que se trate de colaborar seja no que for. Deixai-me, portanto, tratar-vos muito simplesmente assim: EUROPEIAS; EUROPEUS!"[23].

É de lembrar que esta *Carta Aberta aos Europeus* já tinha uma história anterior a ser escrita. Muito antes de 1970, já Denis de Rougemont tinha escrito sobre os europeus, particularmente na obra Les chances de l' Europe[24], e até na clássica e célebre *L' Amour et L' Occident* publicada em 1938[25]. A sua visão da vida era pacífica, tendo-lhe até custado a liberdade em 1939, ao defender a invasão alemã da França e a ocupação de Paris. Seria também um resistente contra os fascismos que nessa altura despontavam, fundando a Liga de Gothard. As suas posições eram incómodas para os políticos que o enviariam para os Estados Unidos da América com o pretexto de falar da Suiça aos americanos. Aí encontraria Saint Exupéry, Marcel Duchamp, André Breton e Coudenhove – Kalergi, entre muitos outros. Seria com aquele último que teria a possibilidade de partilhar a Ideia de Europa e, muito particularmente, as suas ideias para a Europa[26]. Ideias que regressariam ao velho continente a propósito da União Europeia dos Federalistas, congresso em que ambos estariam presentes. A data de 8 de Setembro de 1946 seria o marco inicial para uma série de discursos de Denis de Rougemont sobre a Europa. O problema da reconstrução europeia e a necessidade de uma unidade europeia eram os temas que ocupavam os intelectuais, políticos e economistas da época. Rougemont discursava sobre a união da Europa, acreditando na sua real possibilidade. Para além do seu espírito visionário, que o fazia sonhar com uma Comunidade Cultural Europeia, o escritor suíço também propunha medidas concretas e efectivas para a unidade europeia a curto prazo: enunciava os problemas da reconstrução europeia paralelamente à necessidade de unir os

[22] *Idem, ibidem*, pp. 7-8.
[23] *Idem, ibidem*, pp. 8-9.
[24] Denis de Rougemont, *Les chances de l'Europe*, Neuchâtel, Editions de la Baconniere, 1962.
[25] Esta obra está traduzida em português com o título *O Amor e o Ocidente*, Lisboa, Vega, 1989.
[26] Esperamos publicar em breve um estudo sobre Coudenhove- Kalergi para mostrar todas as virtualidades da sua "Pan-Europa".

12-Isabel Baltazar.indd 267 05-06-2014 12:04:47

europeus num projecto comum.

Um desses momentos seria o discurso no seio do Congresso da União Europeia dos Federalistas em Montreux (1947), onde nasceria a ideia do Congresso Europeu da Haia, a realizar no ano seguinte sob a presidência de Winston Churchill. Seria na capital Holandesa que Rougemont iria proferir aquela que ficaria, para sempre, conhecida como *Mensagem aos Europeus*, e que contém em si as linhas fundamentais que seriam apresentadas mais tarde na *Carta Aberta aos Europeus*.

Todo o historial descrito sobre o percurso de Rougemont por um lado, e todo um contexto histórico vivido a seguir ao primeiro conflito europeu até aos anos cinquenta, justificam a *Carta Aberta aos Europeus* como um ponto de chegada sobre a defesa da unidade da Europa. Para além da realidade nacional, este autor acreditava na realidade europeia. A este propósito é interessante ler:

"Dizem-me, porém, que não existis!

Dizem-me que na Europa só existem Franceses, Ingleses, Alemães, Suíços, Albaneses, etc., e que os *Europeus* são apenas uma concepção de espírito. A este título, não existem Suíços, mas apenas súbditos de vinte e dois Estados federados chamados cantões; não existem Franceses, mas apenas Bretões, Bascos, Occitanos, Alsacianos, Catalães, Corsos, naturais de Nice, Poitou, Bourbon, Béarn, do condado da Borgonha, da Sabóia, para não dizer mais. A França, a Suiça e as outras nações não são, todavia, simples concepções de espírito, antes realidades bem marcadas nos mapas e delimitadas por fronteiras. No entanto, são mais transitórias que a Bretanha, Castela, Escócia ou Berna, que existiam antes do Estado-Nação onde hoje se encontram englobadas e que, sem a menor dúvida, sobrevirão"[27].

Para Rougemont as fronteiras são artificiais, como artificiais são, também, os Estados-Nação. Assim, qualquer um, se individualmente, pode a qualquer momento perder a soberania, ou cedê-la a favor de uma união de estados, "por dependência obrigatória, económica, social ou ideológica"[28]. O que nunca se perderá é a "alma europeia", fortalecida por uma união europeia. Por isso, eis a opção: "Ou então, escolheis a união da Europa e fundais o único poder capaz de salvaguardar a vossa entidade nacional e regional, as vossas maneiras de ser diferentes, o vosso direito a permanecerdes iguais a vós próprios"[29].

Sem a união europeia qualquer estado pode ser esmagado, ser colonizado, desaparecer. Com a união europeia, para além de persistirem os estados sobrevivem os europeus. É este o sentido das suas palavras: "Por outras palavras, se não existirdes como Europeus, não existireis mais ou por muito tempo como Franceses, Checos ou Suíços. Sereis colonizados um após outro e insensivelmente desnaturados pelo dólar ou pelos vossos partidos comunistas, como o haveis sido ainda não há muito pelo nacional-socialismo"[30]. Parafraseando Rougemont,

[27]Denis de Rougemont, *op. cit.*, pp.9-10.
[28]*Idem, ibidem*, p.10.
[29]*Idem, ibidem.*
[30]*Idem, ibidem.*

12-Isabel Baltazar.indd 268 05-06-2014 12:04:47

a Europa sempre existiu: " Deixareis de existir por não terdes reconhecido que só de vós depende existir – pois, apesar de tudo, já existir, já existis todos desde há séculos e apenas se trata de o reconhecer! Portanto, aqueles que dizem que não existis terão razão enquanto alimentarem as vossas divisões. Na verdade, só podereis existir todos juntos"[31]. Eis a solução para a Europa ser, ainda, mais Europa: a união de todos os europeus.

Para Denis de Rougemont a cultura era a base de qualquer possível união, também porque era na história cultural da Europa que se encontravam os fundamentos comuns dos europeus. Compreende-se, assim, toda a missão em prol da cultura que preencheu a vida deste autor. Para além da criação do Centro Europeu da Cultura em Genebra, seria Rougemont a promover, também, a Conferência Europeia da Cultura (1949) sob a presidência de Salvador de Madariaga. No ano seguinte, participa na instituição do Congresso para a Liberdade da Cultura, assumindo a sua presidência de 1952 a 1966[32].

É, ainda, de referir que, para além de outros eventos culturais, também ligados à ecologia e à defesa do meio ambiente pelos europeus, foi fundador da *Revista Cadmo*, também ligada às questões europeias. Após a sua morte a 6 de Dezembro de 1985, as suas ideias seriam continuadas por uma fundação com o seu nome, que continua a promover o debate e a reflexão sobre a Europa e os europeus.

A Educação Europeia

A grande originalidade de Denis de Rougemont está em acreditar que o caminho para criar uma verdadeira união europeia está na educação. Cabe aos professores difundirem as várias culturas dos países europeus, como pertencentes a uma cultura europeia:

"Roland de Lassus não pertence nem à Bélgica, nem à França, nem à Itália actuais, do mesmo modo que Grünewald não se tornou um pintor francês em virtude da anexação de Colmar à França, quase três séculos depois da sua morte. Quer se trate de música, de pintura, de arquitectura, de filosofia ou de ciência, para já não falar de religião que a todos inspira à partida, não existe um único ramo na nossa cultura que não resulte de mil intercâmbios tecendo a obra comum dos europeus; e não existe uma única que se possa estudar de maneira séria ou inteligível no campo limitado pelas fronteiras de uma só das nossas nações actuais. Não há uma pintura francesa como não há química alemã ou matemáticas soviéticas, porque antes de todas estas divisões arbitrárias existia a grande comunidade de criações e influências mútuas que sempre se chamará Europa na história do espírito humano[33]".

[31] *Idem, ibidem*.
[32] Curiosamente, também em Portugal se fazem ouvir os ecos deste movimento, protagonizados em Lisboa pelo Centro Nacional de Cultura.
[33] *Idem, Ibidem*, p.59.

12-Isabel Baltazar.indd 269 05-06-2014 12:04:47

A melhor maneira de criar cidadãos europeus é através de uma educação europeia. A verdadeira unidade europeia não começa nos políticos, mas nos cidadãos educados para serem europeus. Por isso, é necessário contar a Europa às crianças e jovens para vir a formar cidadãos europeus. O grito de Rougemont é de alarme:

"Ó professores todo-poderosos do ensino secundário! Mostrar isto sem descanso, a todo o momento, aos vossos alunos, não é somente fazer História honesta após um século de falsificação nacionalista das perspectivas; é também fazer a Europa nos espíritos jovens e mostrar a sua unidade fundamental, base da união que está por fazer"[34].

São palavras bem actuais, ainda por concretizar. A Educação para a Europa é a solução apresentada para uma mais profunda construção europeia. Urge *e-ducere*, isto é, conduzir os alunos a "fazer Europa antes de fazer a Europa; o mesmo é dizer que se trata menos de ensinar a união da Europa que de educar nos nossos filhos o Europeu, pelo próprio estilo da educação"[35]. Era esta a via apresentada para ultrapassar a decadência europeia, bem expressa por Paul Valéry, já em 1919, logo após a primeira guerra mundial: "Nós as civilizações, sabemos agora que somos mortais"[36].

Apesar dos sinais de decadência europeia, sentidos em todos os tempos, "a civilização europeia é a única que se tornou efectivamente universal"[37]. Conclui Rougemont: "Onde está, portanto, todo este eclipse da Europa como cultura? No espírito dos seus intelectuais, somente"[38].

Esta ideia de uma Educação Comum Europeia, tendo no horizonte, a criação de um espírito comum europeu, seria retomada na actualidade com a proposta alemã de criação de um Livro Europeu de História, por ocasião da sua presidência da União Europeia. Com o sugestivo título "E se a Europa lesse o mesmo livro de História?", a imprensa portuguesa daria conta desse projecto. Esse livro teria como destinatários os estudantes dos 27 estados-membros, servindo-se do manual franco-alemão como modelo. Esta intenção, protagonizada pela ministra da Educação, alemã, Annete Schavan, pretendia "ajudar a relançar os valores comuns europeus"[39]. Embora alvo de muitas críticas, nomeadamente do ministro polaco, Roman Gyvertich, este projecto entusiasmou Ângela Merkel, chanceler alemã, mas, também, conquistou Espanha. Para a Holanda, a República Checa e a Dinamarca, a ideia não os entusiasma, sendo mesmo perigosa para o Reino Unido, parecendo usar o sistema educativo para explorar o seu passado nazi.

[34] *Idem, ibidem*, p.59.
[35] *Idem, ibidem*, p.70.
[36] *Idem, ibidem*, p.85.
[37] *Idem, ibidem*, p.89.
[38] *Idem, ibidem*, p.94.
[39] "E se toda a Europa lesse o mesmo livro de História?", *Diário de Notícias*, 8 de Março de 2007, p.3.

12-Isabel Baltazar.indd 270 05-06-2014 12:04:47

Carta aberta a todos os europeus

A mensagem final é de esperança na Europa dos europeus. Uma Europa unida na diversidade, proposta por Denis de Rougemont e que soa bem actual. Para o autor fazer a Europa passa pela solução federalista como sabemos. Diz ele:

"O obstáculo a toda a união possível da Europa, portanto, a toda a união federal, não é outro senão o Estado-Nação, tal como Napoleão o modelou, integralmente centralizado com vista à guerra. É este modelo que todos os povos da Europa, grandes e pequenos, imitaram uns após outros, ao longo do século XIX, seguidos nos nossos dias pelo resto do mundo, principalmente pelo Terceiro Mundo, mal descolonizado neste aspecto…"[40].

No entanto, o que está verdadeiramente em causa é criar um espírito europeu. Um espírito só possível entre uma unidade de culturas, sempre de cariz espiritual, protagonizada pelos europeus e nunca pelos estados. Lembra Rougemont que um estado-nação submete pela força realidades diferentes, que não têm entre si nenhum elo natural: fronteiras, língua, economia, ideologias ou religiões. No fundo, é unir realidades essencialmente distintas, como afirma o autor:

"Nada, portanto, mais hostil a toda a espécie de união mais ou menos séria ou sincera que este Estado-Nação que, aliás, se revela incapaz de responder às exigências concretas do nosso tempo, pois é simultaneamente demasiado pequeno para o mundo, demasiado grande para as suas regiões e sem outra correspondência que não seja acidental com um espaço económico definido pela natureza das coisas ou por um projecto racional.

Ora, eis a ironia trágica da nossa história: é na base deste obstáculo radical a toda a união que nos esforçamos desde há vinte e cinco anos, por unir a Europa! Eis o que explica suficientemente, creio eu, o motivo por que não se avançou um metro em direcção à nossa união política.

Quer se lhe chame a Europa das pátrias, das nações, dos Estados ou das soberanias, a união da Europa não se fará sobre a grande confusão, tão cara aos homens de Estado, das nossas diversidades e das nossas divisões"[41].

Embora esta visão seja influenciada por uma opção federalista de base, não deixa de ser bem actual a encruzilhada anunciada: a unidade da Europa com base numa natureza "acidental", a unidade de interesses económicos, sem avistar, nem ao longe qualquer consenso político e, ainda mais longínquo, um verdadeiro projecto europeu com base cultural e que envolva os europeus. Lembra o autor que "ainda não se avançou um metro em direcção à nossa união política", quadro de uma actualidade impressionante, por faltar o sentido de uma verdadeira união, só possível se fundamentada em interesses mais profundos. Esta união não pode ser feita pelos homens de estado, tem de ser feita pelos europeus:

"Europeias, Europeus, deixai de imaginar que os vossos homens de Estado têm verdadeiramente a intenção de fazer a Europa! (…) A Europa não se fará

[40] *Idem, Ibidem*, p.118.
[41] *Idem, ibidem*, pp.119-120.

12-Isabel Baltazar.indd 271 05-06-2014 12:04:47

também espontaneamente, pela *força das coisas*, que é a medida exacta da fraqueza do nosso espírito, ou por ser necessária, ou ainda em virtude de qualquer *sentido da História* que nunca ninguém conheceu, não conhece nem poderá vir a conhecer, na verdade, antes dos fins dos tempos e do Juízo Final.

Europeias, Europeus, sereis vós quem fará a Europa e mais ninguém, com a única condição de que o queirais verdadeiramente"[42].

A Europa dos Europeus é muito mais duradoura do que a Europa das Nações. Como dizia Renan, "As nações não são nada de eterno. Começaram, acabarão. A confederação europeia substituí-las-á provavelmente"[43]. A humanidade permanecerá para além da vontade dos estados; os europeus são a verdadeira realidade europeia. É sobre a realidade europeia que se pode edificar uma Europa unida. É, sem dúvida, uma tarefa mais difícil de realizar do "que a Europa dos mitos nacionais, mas incomparavelmente mais interessante de viver!"[44].

Esta Europa – a Europa dos europeus – será o resultado do espírito europeu, representado pelas europeias e europeus de todos os tempos. Esta Europa fundamentada numa comunidade cultural europeia tem a adesão de (quase) todos os europeus. Nesse sentido, são cada vez menos os antieuropeus, sobretudo os jovens com menos de trinta anos, a quem Denis de Rougemont se dirige especialmente:

"Europeias, europeus de menos de trinta anos! Podereis, finalmente, compreender que a única possibilidade de fazer a revolução é fazer a Europa das regiões, refazer uma comunidade"[45]. Esta revolução não significa destruir tudo para fazer de novo, mas construir algo de novo a partir da realidade vivida: "A revolução que preconizo, a única que fará a Europa e que só pode ser feita pela Europa prestes a fazer-se, consiste, em notável analogia com a Renascença e as suas etapas, em deslocar o centro do sistema político não só da Nação para a Europa, mas também para a Humanidade no seu conjunto e, ao mesmo tempo, para a pessoa"[46].

Esta humanidade no seu conjunto transporta em si a memória histórica na qual encontra as bases para uma união. É a partir desta base de natureza histórico-cultural que constrói o seu futuro. Será uma utopia? Responde o próprio Rougemont: " Se me disserem agora que não passa de utopia querer ultrapassar o Estado-Nação, respondo que se trata, ao contrário, da grande tarefa política do nosso tempo ou, mais precisamente, dos próximos vinte anos. Na verdade, só a este preço faremos a Europa e fá-la-emos para toda a Humanidade, pois devemos-lhe isso!"[47]. Esta Europa não é a Europa ideal, é a Europa possível: "Uma Europa que não será necessariamente a mais poderosa ou a mais rica; será, isso sim, esse canto do planeta indispensável ao mundo de amanhã, onde os

[42] *Idem, Ibidem*, p. 133.
[43] Ernest Renan, *Qu'est-ce qu'une Nation?* Paris, 1882, p.11.
[44] Denis de Rougemont, op. cit., p.179.
[45] *Idem, ibidem*, p.185.
[46] *Idem, Ibidem*, pp. 185-186.
[47] *Idem, Ibidem*, p.190.

12-Isabel Baltazar.indd 272 05-06-2014 12:04:47

homens de todas as raças poderão encontrar não talvez mais felicidade, mas mais sabor, mais sentido de vida"[48].

São estas as últimas palavras da *Carta Aberta aos Europeus*. Uma carta aberta no tempo, à espera de poder ser ouvida e a sua mensagem concretizada. Uma carta para os europeus do seu tempo e de todos os tempos. Uma carta que na actualidade encontra os primeiros passos de realização. Será o século XXI o tempo do visionário?

Reflexão final: Que Europa? Que cidadania na construção europeia?

Como foi referido ao longo deste artigo, a cidadania europeia está inscrita num aprofundamento do processo de construção europeia. A cidadania prevista pelo Tratado de Maastricht iniciou a sua marcha há mais de vinte anos, que em História é um espaço de tempo demasiadamente curto para se vislumbrarem mudanças significativas nas mentalidades. A instituição da cidadania europeia é uma realidade decretada pelos tratados; mas as mentalidades não se mudam por decreto, e, só muito lentamente vão interiorizando um conjunto de direitos e deveres de cidadania europeia. Parecia que o texto jurídico instituía uma fórmula capaz de defender os interesses dos cidadãos dos estados membros da União Europeia. E esta cidadania europeia surgia como uma força legitimadora de um projecto europeu alicerçado na paz e na democracia. Sobretudo para evitar novos conflitos de nações de um continente convalescente de dois conflitos à escala mundial. Esta cidadania era gerada para evitar conflitos transnacionais decorrentes da emergência de cidadãos de identidades de todos os estados membros da União Europeia. Parecia ser um conceito complementar às cidadanias nacionais e que combatia as naturais tendências nacionalistas. No entanto, revelar-se-ia tão frágil quanto o próprio projecto europeu, tão inacabado como esta Europa.

As resistências nacionalistas rapidamente emergiram para mostrar que a identidade nacional se confrontava, claramente, com uma pretensa identidade europeia. Os cidadãos da Europa, curiosamente, revelar-se-iam primeiramente, e sempre, como cidadãos identitários do seu próprio estado, tornando esta cidadania europeia cada vez mais uma miragem. Foi esta atitude que provocou o reconhecimento da urgência da adesão dos Europeus ao próprio projecto de construção europeia, tendo como necessidade a própria criação de um "Ano dos Cidadãos Europeus". Foi esta, até agora, a última etapa de resgate de uma base de apoio popular e de promoção da ideia de uma identidade europeia, não aglutinadora das identidades nacionais, mas congregadora das várias identidades. Os Europeus não responderam a esta vontade e continuam bem distanciados do sentimento de pertença a uma Europa que quer ser dos cidadãos. A sua voz não é uníssona, mas, muito pelo contrário, é tão polifónica quanto os seus próprios estados. Cada um dos cidadãos nacionais tem bem definido as suas competências cognitivas, cívicas e ético-afectivas, que estão bem longe de

[48] *Idem, Ibidem*, p.190.

12-Isabel Baltazar.indd 273 05-06-2014 12:04:47

se fundirem numa voz única europeia, e nem mesmo no sentimento de pertença a uma cidadania europeia. A sua participação cívica revela bem esta evidência.

Perante este cenário, que fazer? Tudo parece impossível para alterar as mentalidades dos cidadãos europeus a quem é ouvida a sua voz; restam os outros, aqueles que ainda não têm voz, nem voto, mas pertencem e já nasceram nesta União Europeia: as crianças e os mais jovens. Resta esta esperança de uma Europa feita pelos europeus: estes que ainda estão na escola e podem aprender a ser cidadãos europeus. A escola como alicerce da cidadania europeia aparece como a solução para o futuro da Europa. É um futuro (ainda) incerto de Educação para a Cidadania, tão incerto, como o futuro da própria Europa, uma "crisálida", como lhe chama Edgar Morin:

"A bomba encontra-se sobre ela, mas a Europa está tranquila; ela está no centro do perigo, mas encontra-se fora da história. Ela está no centro do perigo, mas encontra-se fora da história. A Europa está na periferia da idade do ferro planetária, mas não pode sair-se sozinha. À sua volta o mundo encontra-se agónico. A palavra agonia significa luta angustiante, conflito interno. Todo o nascimento, como toda a morte, é agónico. Encontramo-nos na agonia de um mundo que não consegue nascer porque nos encontramos na agonia de um mundo que não consegue morrer. Não sabemos qual das duas será finalmente, a agonia da morte ou a agonia da nascença. Nós já não temos futuro visível.

O mundo encontra-se na noite e no nevoeiro, os quais cobrem também a Europa. Já o dissemos: não sabemos se a meia Europa subjugada se libertará, se a meia Europa livre será subjugada, se a Europa será finalmente marginalizada, vassalizada, helvetizada, helenizada, atomizada. Antes de fazer planos e rataplães precisamos de inscrever a incerteza no nosso pensamento, ligar o risco e sorte no nosso espírito, fazer a aposta da Vida perante o Nada.

Nesta incerteza, temos pelo menos a certeza de que uma nova metamorfose da Europa começou"[49].

É também desta incerteza que vive a cidadania europeia. A Europa não tem um um projecto definitivo sobre o seu futuro, e esta cidadania incerta depende do próprio futuro da Europa. Como diz Edgar Morin: "A metamorfose europeia está inacabada. Nós não somos nem lagarta, nem borboleta, encontramo-nos ainda na crisálida. O esforço decisivo está por fazer. A metamorfose pode abortar, mas está em curso. Sabê-lo é contribuir para ela"[50]. A Europa será o que resultar desta metamorfose. A Europa será, também, o que os cidadãos europeus quiserem fazer deste projecto inacabado.

[49] Edgar Morin, *Pensar a Europa*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1988, pp.167-168.
[50] *Idem, ibidem.*

12-Isabel Baltazar.indd 274 05-06-2014 12:04:47